

ANO 4 NÚMERO 8

CADERNOS SESC DE CIDADANIA

Intergeracionalidade | 2013



sescsp.org.br

Sesc

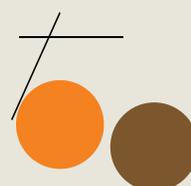
Intergeracionalidade { REPORTAGEM: Com o aumento da convivência entre várias gerações, quais os desafios e oportunidades? { AÇÕES INTERGERACIONAIS: ONGS e institutos estimulam a convivência no espaço público por pessoas de todas as idades { INTERVENÇÃO: O pintor Rodrigo Bivar retrata as relações do cotidiano com realismo e sensibilidade { QUADRO A QUADRO: História em quadrinhos ilustra os desafios do relacionamento entre irmãos



5● ANOS TRABALHO SOCIAL COM ID●S●S

O Sesc celebra 50 anos de um trabalho pioneiro no país: a ação social com idosos, priorizando a valorização social do idoso e a criação de oportunidades de convivência entre gerações.

Acompanhe a programação especial nas Unidades e no Portal sescsp.org.br



UM PROGRAMA PARA TODAS AS IDADES

Danilo Santos de Miranda
Diretor Regional - Sesc São Paulo

O DISTANCIAMENTO SOCIAL ENTRE AS GERAÇÕES É UM fenômeno da contemporaneidade, provocado por uma sociedade que estabelece uma série de espaços “exclusivos” para atender às diferentes faixas etárias. Por outro lado, a família – que sempre foi lugar privilegiado de relações intergeracionais – passou por mudanças importantes em seus arranjos. De lugar de convívio de pais, filhos, parentes próximos que mantinham no grupo vínculos de afinidade e afetividade, transformou-se na família nuclear formada, normalmente, pela unidade de pais e filhos.

A falta de convívio resulta no desconhecimento. O distanciamento reforça estereótipos que impedem a aproximação entre as pessoas. Não surpreende, portanto, nossa cultura estar impregnada pelos conflitos geracionais e pelo preconceito etário que se reflete no forte contraste do imaginário social que confere aos jovens qualidades, como força e atividade, e reserva aos velhos as perdas e as carências, como a fragilidade e a passividade.

Diante desse quadro, as instituições culturais surgem como locais privilegiados na elaboração de propostas e no desenvolvimento de ações que provoquem a aproximação intergeracional.

Com base nesse propósito, o Sesc São Paulo instituiu, em 2003, o Programa Sesc Gerações em suas Unidades Operacionais, para que fossem oferecidas atividades culturais e de lazer que criassem oportunidade de integração. Desde então, crianças, adolescentes, adultos jovens e adultos idosos participam de cursos e oficinas em grupo, nas áreas de teatro, música, artes plásticas, literatura, esportes. Como decorrência dessa aproximação, pessoas de diferentes faixas etárias têm a oportunidade de se relacionar e trocar experiências.

Considerando a importância de incentivar uma maior proximidade das diferentes gerações, atualmente muitas outras instituições têm desenvolvido esse tipo de ação. Afinal, a convivência, a solidariedade e o combate à intolerância podem contribuir para a construção de uma sociedade mais inclusiva e solidária. ■

índice }

p.5 *artigo*

Em um cenário de pouco diálogo entre gerações, o Sesc desenvolve programas de incentivo à convivência

p.8 *reportagem especial*

À medida que o país envelhece, as relações entre pessoas de várias idades trazem novos desafios e oportunidades

p.20 *perfil*

O pintor Rodrigo Bivar retrata cenas do cotidiano enfocando a convivência entre diferentes

p.24 *ações intergeracionais*

Organizações de todo o Brasil promovem encontros e oficinas para estimular a ocupação cidadã e intergeracional dos espaços públicos urbanos

p.30 *entrevista*

Mariano Sánchez Martinez, professor da Universidade de Granada, na Espanha, diz que em um mundo muito individualista, as pessoas sentem falta de relações em que possam se sentir conectadas e expandidas

p.32 *quadro a quadro*

Na história em quadrinhos de Mateus Acioli, exclusiva para esta edição, humor e sensibilidade ilustram os desafios da convivência – não só entre pessoas com grande diferença de idade, mas também entre irmãos

Baixe esta e outras publicações do Sesc SP disponíveis em:



p.8

OCA/Divulgação

Foto: Jaime Martins



p.24

p.30



p.32

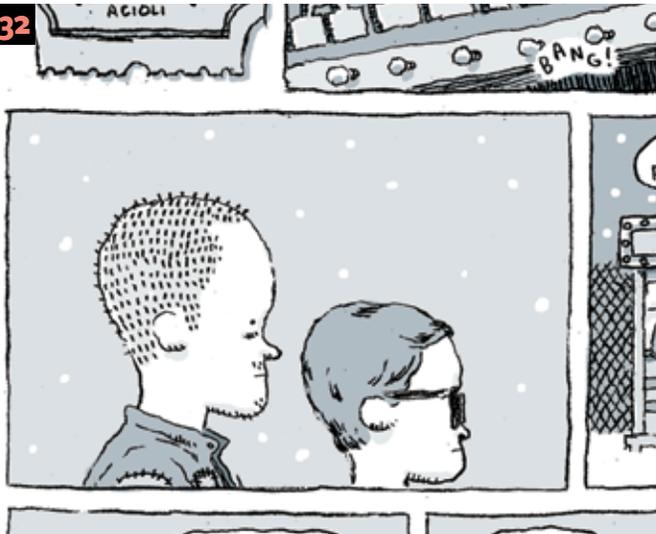


Foto: Flávia Valsani

HQ: Mateus Acioli

Expediente

SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO **Administração Regional no** **Estado de São Paulo**

PRESIDENTE DO CONSELHO REGIONAL
Abram Szajman

DIRETOR DO DEPARTAMENTO REGIONAL
Danilo Santos de Miranda

SUPERINTENDENTES
COMUNICAÇÃO SOCIAL: Ivan Paulo
Giannini TÉCNICO-SOCIAL: Joel
Naimayer Padula ADMINISTRAÇÃO:
Luiz Deoclécio Massaro
Galina ASSESSORIA TÉCNICA E
DE PLANEJAMENTO: Sérgio José
Battistelli

Cadernos Sesc de Cidadania **Intergeracionalidade**

GERÊNCIA DE ARTES GRÁFICAS:
Hécio Magalhães ADJUNTA:
Karina Musumeci ASSISTENTE:
Rogério Ianelli PRODUÇÃO DIGITAL:
Marilyn Donadelli Vecchio, Ana
Paula Fraay GERÊNCIA DE ESTUDOS
E PROGRAMAS DA TERCEIRA IDADE:
Cláudio Alarcon ADJUNTA: Lília
Ladislau ASSISTENTES: Adriese
Castro Pereira, Celina Dias
Azevedo, Lúcia Maria Lopes
Garcia, Marta Lordello Gonçalves,
Regina Célia Sodré Ribeiro,
Sandra Carla Sande Mirabelli,
Sandra Regina Feltran GERÊNCIA
DE RELAÇÕES COM O PÚBLICO: Paulo
Ricardo Martin ADJUNTO: Carlos
Rodolpho T. Cabral GERÊNCIA
DE COMUNICAÇÃO ADMINISTRATIVA:
Roberto Duarte Pêra ADJUNTA:
Elvira de Fátima P. Troiano

EDITOR: Renato Essenfelder
PROJETO GRÁFICO: Marcio Freitas
DIAGRAMAÇÃO: Beatriz Marassi,
Juliana Barretti REPORTAGEM:
Gabriel Vituri (capa), Alvaro
Magalhães

A revista Cadernos Sesc de
Cidadania é uma publicação do
Sesc São Paulo.
Distribuição gratuita. Nenhuma
pessoa está autorizada a vender
anúncios.

Versão on-line em sescsp.org.br

Sesc São Paulo
Av. Álvaro Ramos, 991
03331-000
Tel.: 11 2607-8255



O SESC INTEGRANDO AS GERAÇÕES POR MEIO DA AÇÃO CULTURAL

Gerência de Estudos e Programas da Terceira Idade do Sesc São Paulo

OUVIMOS, COM CERTA FREQUÊNCIA, QUEIXAS DE PAIS QUE DIZEM QUE SEUS filhos não conversam com eles, pois preferem conviver com outros jovens fisicamente nas rodas de conversas e baladas ou pelo mundo virtual da internet. De fato, o isolamento dos jovens em seus quartos diante de uma tela de computador é uma cena muito comum atualmente, embora cada vez mais se reproduza também entre os mais velhos. Os avós, igualmente, se ressentem da falta de atenção dos netos, reclamando que estes dirigem a eles apenas frases, como: “Oi, vó” ou “Tchau, vó”, em breves e passageiras aparições. Mas, e os jovens, por sua vez, o que pensam sobre isso? Para muitos deles os adultos são chatos, mandões, incoerentes e vivem fazendo cobranças, enfim, não os entendem.

A dificuldade de relacionamento entre as gerações passou a ficar mais visível a partir dos anos 1960, anos de rebeldia juvenil, em vários países do mundo. Naquela época, protestos contra o autoritarismo dos pais e do Estado resultaram em greves e passeatas estudantis pela Europa e pelas Américas. Esse fenômeno chamou a atenção de cientistas sociais, psicólogos, psicanalistas e educadores que passaram a estudar mais profundamente as relações familiares.

Mas, até que ponto essa situação é nova? Não terá sido sempre assim? Muito se fala do conflito de gerações, buscando entender se o mesmo seria algo natural,

seguindo a ideia de que os mais velhos são mesmo mais conservadores e que os jovens sempre anseiam por mudanças. Outra corrente considera que essa situação se deve à maneira como nossa sociedade se organiza. É provável que as duas hipóteses sejam procedentes. Ou seja, fatores filogenéticos seriam reforçados por determinações culturais.

Nas últimas décadas, porém, os movimentos de juventude arrefeceram. Muitos adultos até se queixam de certa apatia política dos jovens, quando comparados com aqueles moços do passado que já foram mais mobilizados, vale dizer, que são os que agora são pais! Irônica e contraditória situação. Mas, seja por apatia, indiferença ou, ainda, por rebeldia, as críticas se mantêm.

Sabemos que, no cotidiano, sobretudo das grandes cidades, as chances de encontro de gerações são raras, seja pela pouca oferta de espaços compartilhados, seja pela força dos preconceitos recíprocos. Percebemos que as atuais formas de organização social não favorecem o estabelecimento e o fortalecimento de laços afetivos. Ao contrário, valores que estimulam o individualismo, a competição e o consumismo, marcas registradas de nosso tempo, tendem a distanciar as pessoas. O exagerado crescimento urbano escasseou o relacionamento com amigos, parentes e vizinhos, ocasionando enfraquecimento dos esquemas de ajuda e cooperação.

Diante desse quadro de pouco diálogo

A Gerência de Estudos e Programas da Terceira Idade do Sesc São Paulo

é responsável pelos programas *Trabalho Social com Idosos* e *Sesc Gerações*.



Desde sua fundação o Sesc buscou proporcionar ao trabalhador e à sua família uma ocupação prazerosa e educativa de seu tempo livre. Pais e filhos, avós e netos têm a oportunidade de juntos desfrutarem de atividades de lazer e cultura



entre gerações, qual pode ser o papel das entidades culturais? Desde sua fundação em 1946, o Sesc - Serviço Social do Comércio proporciona ao trabalhador e à sua família uma ocupação prazerosa e educativa de seu tempo livre. Pais e filhos, avós e netos têm a oportunidade de juntos desfrutarem de atividades de lazer e cultura nas dependências da instituição. Da mesma forma, na frequência a cursos e oficinas, velhos e moços têm a oportunidade de se conhecerem e trocarem experiências de vida. Surgem, assim, amizades entre crianças, adolescentes e idosos, amizades que, em alguma medida, compensam a insuficiente comunicação que, infelizmente, caracteriza muitas famílias.

A fim de potencializar os benefícios dessa aproximação geracional, em 2003, o Sesc São Paulo lançou o programa Sesc Gerações, objetivando integrar crianças, jovens e adultos, estimulando suas relações em um clima de solidariedade entre pessoas de diferentes faixas etárias. Na verdade, houve uma sistematização de atividades intergeracionais, pois o Sesc há mais tempo foi palco de experiências férteis neste campo.

A mais antiga a alcançar repercussão se deu em 1977, desencadeada após uma pesquisa sobre brinquedos populares. Idosos foram convidados a desenvolver suas

habilidades em oficinas de criatividade. Na sequência, em um evento em comemoração à Semana da Criança, esses velhos assumiram o comando de uma oficina, ensinando às crianças a confecção de brinquedos artesanais.

Esse processo repercutiu no sentimento de valorização dos idosos ao se darem conta do quanto têm a ensinar às novas gerações. Também puderam recuperar suas experiências de infância, o que, de acordo com especialistas, é uma forma que lhes permitem compreender melhor sua própria história, dando a ela um sentido.

Segundo declarações de vários participantes, a atividade também proporcionou um envolvimento afetivo com crianças. Numa era em que se entrega o brinquedo já pronto à criança, a oportunidade de construí-lo estimula o desenvolvimento de certas habilidades manuais e contribui para o exercício da imaginação dos envolvidos. Essa convivência estimulou o surgimento de oficinas intergeracionais de criatividade e expressão artística em várias unidades operacionais do Sesc na Capital e no interior do Estado.

Outro exemplo são experiências intergeracionais envolvendo uma reflexão sobre sexualidade e relação com o corpo que aconteceram no Sesc

Pompeia, tendo como participantes idosos e adolescentes. A primeira foi uma oficina de vídeo sobre o amor. Enquanto os jovens montaram uma produção sobre o *Amor na Terceira Idade*, os idosos retrataram o Amor na Adolescência, atividade que gerou debates sobre direito e capacidade de amar ao longo da vida. Os idosos puderam comparar as possibilidades de realização amorosa no tempo de sua própria juventude com o presente momento social. Com o aprofundamento das conversas, os adolescentes tiveram a oportunidade de superar a visão estereotipada de uma velhice não desejante e assexuada que ainda vigora entre nós. A outra oficina, envolvendo moda e customização de roupas, contou com a participação de moças e senhoras e colocou em questão a relação que temos com os nossos corpos. Como a adolescência e o envelhecimento são fases caracterizadas por notáveis mudanças físicas que muitas vezes provocam constrangimentos psicológicos, estabeleceram-se fortes identificações e empatia entre as participantes, além de um expressivo saldo de autoconhecimento do grupo.

Além dessas práticas criativas e transformadoras, em 2010 aconteceu o *Seminário Internacional Encontro de Gerações*. Constituiu-se como um momento de debate e reflexão sobre programas intergeracionais levados a cabo no Brasil e em outros países. Dentre os conferencistas, recebeu Sally Newman, diretora da ONG *Generations Together*, editora da revista americana *Journal of Intergenerational*

Há um longo caminho a ser percorrido na construção de relacionamentos mais afetivos entre gerações. O campo intergeracional é uma nova fonte de conhecimento na área das relações humanas, portanto, ainda pouco explorado

Relationships e professora da Universidade de Pensilvânia, que apresentou a palestra *Histórico das Ações Intergeracionais nos Estados Unidos*. Mariano Sánchez, professor titular de sociologia da Universidade de Granada, desenvolveu o tema *Programas intergeracionais na Europa: um balanço crítico de teorias, pesquisas, políticas e práticas*. Durante o encontro, não apenas nas conferências, mas principalmente nas sessões de relatos de experiências, se pode ter uma ideia do que entidades públicas e particulares brasileiras realizam no âmbito da intergeracionalidade. Em sua maioria, as atividades intergeracionais no Brasil ocorrem nas áreas de lazer e cultura, mas têm havido igualmente atividades na área de educação e trabalho voluntário.

Há um longo caminho a ser percorrido na construção de relacionamentos mais afetivos entre gerações. O campo intergeracional é uma nova fonte de conhecimento na área das relações humanas, portanto, ainda pouco explorado e, tudo indica, muito promissor para o desenvolvimento de ferramentas eficientes de ações junto à família e a outros grupos sociais, como escola, trabalho e vizinhança. A intergeracionalidade se constitui como uma iniciativa para despertar o sentido das relações intergeracionais em um mundo individualizado. É importante destacar que as chances para uma relação positiva entre as gerações existem e, para isso, é preciso multiplicar as oportunidades de expressão da experiência e do desejo de mudança de todos os envolvidos, independentemente da idade. ■





reportagem especial

Avanço tecnológico e transformações sociais favorecem, pela primeira vez na história, a convivência entre várias gerações – e com os desafios vêm imensas oportunidades de aprendizado.

texto: Gabriel Vituri

A ARTE DA CONVIVÊNCIA

Pelo menos duas vezes por semana, João e Catarina – de seis e três anos, respectivamente –, acompanhados pela mãe, descem uma rua íngreme no bairro da Bela Vista rumo a um aconchegante destino. Logo em seguida, assim que o portão verde e gradeado do edifício se abre, o casal de irmãos corre em direção à avó, que geralmente já os espera de prontidão. Dona Cecília, como é conhecida por todos os moradores do condomínio de 13 andares onde também exerce o papel de síndica, tem quatro netos – dois deles moram a uma quadra de sua casa.

“Eu sou aquela avó que curte, acho que não faria outra coisa na minha vida, e as crianças são muito apegadas a mim”, conta Cecília Neger, de 67 anos. O outro par, Pedro e Ana, de nove e oito anos de idade, mora mais longe, na zona sul da capital paulista. “As crianças hoje são espertas; elas têm a televisão, esses aparelhos que manuseiam com uma facilidade que eu nem sei, e existem aquelas coisas que antigamente era difícil falar, de namoro, sexo, e que elas sempre perguntam, nos deixando meio embaraçados”, diz. “A gente tenta responder, porque não dá pra mentir. Se você não ensinar, elas vão aprender de outras formas e pode acabar sendo pior”.

Apesar de o convívio entre netos e avós, no Brasil, ser relativamente comum e corriqueiro entre muitas famílias há pelo menos duas décadas, a relação entre a avó Dona Cecília e seus quatro netos reflete uma questão mais ampla: atualmente, crianças, jovens, adultos e idosos, nascidos em gerações completamente díspares, começam a compreender que é preciso dividir os espaços – em casa e na rua.

Os primeiros programas que discutiam as relações intergeracionais – termo que define a convivência entre indivíduos de tempos distintos – surgiram entre as décadas de 1960 e 1970 na América do Norte, sobretudo nos Estados Unidos. As pesquisas sobre o tema, todavia, ainda são parte de um campo em desenvolvimento. Segundo



o psicólogo José Carlos Ferrigno, na Europa e no restante do continente americano, a prática se expandiu com mais intensidade somente a partir dos anos 90. “Não é questão de integrar o idoso na sociedade, e sim de integrar diferentes gerações. Só quando surgiram os primeiros profissionais da gerontologia é que se percebeu que isso não é restrito, que não faz parte da dicotomia entre jovens e velhos”, explica o especialista.

Professor afiliado ao departamento de sociologia da Universidade de Granada, na Espanha, Mariano Sánchez Martínez trata a intergeracionalidade

como algo absolutamente pessoal. “O termo poderia ser definido como qualquer relação em que diferentes gerações estão envolvidas, mas isso é muito pequeno se comparado à experiência em si. Estamos falando de algo que não conseguimos descrever”, afirma. Para o estudioso espanhol, o ponto-chave deve tratar de “ações em que as pessoas estejam envolvidas para compreender a si mesmas”. E completa: “Devem sentir que estão conectadas ao mundo e que podem aprender. Ter essa identidade não é individual, é sempre coletivo” (leia a entrevista completa na página 28).



Atividades no Sesc Vila Mariana, em São Paulo, promovendo relações entre pessoas de várias idades



No Brasil, entre os mais de 190 milhões de habitantes, cerca de 14 milhões (ou 7,4% da população) têm 65 anos ou mais, de acordo com o Censo 2010.



Se, de um lado, existe o consenso entre estudiosos de que o tema deve ser tratado da forma mais ampla possível, por outro, é inevitável que os idosos se tornem o centro das atenções do debate, uma vez que o envelhecimento populacional é uma realidade cada vez mais latente – e atualmente estendido a países em desenvolvimento, saindo das cercanias europeias e de outras regiões do chamado Primeiro Mundo. No Brasil, por exemplo, entre os mais de 190 milhões de habitantes, cerca de 14 milhões (ou 7,4% da população) têm 65 anos ou mais, de acordo com o Censo 2010. “As pessoas estão se acostumando a essa convivência, é inevitável”, defende Ferrigno. Para Mariano Sánchez Martinez, é justamente esta a novidade: “As relações sempre estiveram aí. É verdade que se vivemos mais, como hoje, existe a probabilidade de cada indivíduo interagir com três ou quatro gerações ao mesmo tempo. Pela primeira vez na história humana isso está acontecendo”, diz.

Avanços na área médica e crescimento econômico são só alguns dos fatores que contribuem para que o tema permaneça em evidência. Além disso, com o aumento da expectativa de vida e com a inserção da mulher no mercado

de trabalho, a estrutura patriarcal – que remete ao “velho sábio” – caiu por terra de vez. “Nós precisamos pensar de que tipo de família estamos falando. Hoje em dia, muitas mulheres são as ‘donas da casa’, já estão separadas e cuidam dos filhos sozinhas. Além disso, às vezes você encontra gerações juntas sem qualquer apoio masculino”, defende Vera Brandão, pedagoga e pesquisadora do Núcleo de Estudos do Envelhecimento no curso de pós-graduação da PUC-SP.

Embora indivíduos com mais experiência de vida possam tentar exercer o papel de transmitir seu conhecimento adiante, a prática é exceção. “As famílias estão estruturadas de maneira diferente. Essa coisa da propaganda de margarina, com todos felizes no café da manhã, é puro marketing. Há muito disso em cima da velhice ideal, que dança, namora, viaja e faz sexo. Isso existe, e é super legal. Mas e as pessoas mais velhas que não querem dançar ou já não querem ter vida sexual ativa? Só porque estão fora do modelo de mercado não são cidadãos?”, questiona a pedagoga.

Enquanto nos países desenvolvidos o processo de envelhecimento da população foi lento e cadenciado, em lugares

como o Brasil isso se deu de forma súbita, impossibilitando que os cidadãos desenvolvessem consciência sobre essa nova realidade. Não é de estranhar, portanto, que idosos sejam tratados de forma idealizada, como explica a pedagoga Vera Brandão, ou pior, como indivíduos já no fim da vida e incapacitados de realizar atividades que os integrem ao restante da sociedade. De que maneira, então, deve-se fomentar as relações intergeracionais sem que a discussão descambe para os estereótipos?

Na opinião da psicóloga Isabella Alvim, não é mais questão de apenas pensar nas pessoas, e sim nas relações: “A longevidade é uma coisa nova, ainda não sabemos como lidar com isso. Em vez de buscar soluções para rejuvenescer, a gente precisa olhar para a importância que a velhice tem”.

JUNTOS E SEPARADOS

Pela compatibilidade da rotina, as gerações mais aproximáveis atualmente são as crianças e os idosos. Com mais tempo livre durante o dia, ambas se encontram com facilidade em lugares públicos e dentro de casa, ao contrário dos jovens e adultos, que muitas vezes, sufocados por horários apertados e atividades em excesso, acabam passando menos tempo com gerações diferentes das suas no dia a dia.

“Se a gente pensar na vida contemporânea, em que os pais vivem correndo, o fato de ter um avô ou uma avó morando por perto pode suprir bem a questão do afeto para as crianças. Não substitui, mas tem grande valor”, defende Isabella Alvim. Por outro lado, ter um núcleo familiar estável e calcado em relações amistosas é indispensável para evitar conflitos. “É muito complicado, porque não dá para chegar a uma conclusão, depende de cada família”, explica a psicóloga.

Além do fato de que gerações diferentes estão vivendo juntas cada vez mais, a noção do idoso que leva uma vida independente vem ganhando contornos sólidos. Mesmo sentindo necessidade de interagir com crianças



e jovens, uma grande parcela da população mais velha prefere ter sua própria casa, onde eles definem as regras e estabelecem parâmetros de acordo com suas necessidades. “Pretendo nunca depender de filho pra viver, porque deve ser muito ruim. Se eu ainda tiver condições, quero ficar no meu canto até o último dia da minha vida”, ressalta Dona Cecília.

Vera Brandão exemplifica: “Um idoso em casa com 3 gerações pode até ser respeitado e querido, mas não é o espaço dele. No dia a dia, se só existir uma televisão, o controle remoto nunca estará com ele”. Acostumados anteriormente a viver em espaços – tanto públicos como privados – sem tanta diversidade de gerações, hoje em dia crianças, jovens e

adultos são conduzidos a uma convivência inevitável. Dessa forma, é natural que com a interação involuntária propiciada pela mudança da configuração familiar da sociedade contemporânea surja uma série de ganhos, para ambos os lados.

“Estamos mudando de uma cultura voltada ao indivíduo para algo direcionado às relações, em grande parte impulsionadas por essa questão intergeracional. Saímos da coisa do ‘eu’, desse raio-x que restringe o campo e padroniza perfis, para percebermos que existe um terceiro ponto. Entre o meu contato e o seu existe algo mais”, teoriza a psicóloga Isabella Alvim, que faz parte do Observatório da Longevidade Humana e Envelhecimento (Olhe).

O aprendizado de interagir com

Fotos: Flávia Valsani



A família Moraes, em São Paulo, que reúne várias gerações sob o mesmo teto nas tardes de domingo em encontros para conversar, jogar xadrez, passear pelo bairro ou curtir uma piscina



o diferente e o estreitamento das relações trazem benefícios, embora às vezes desafiante. “Nem tudo é cor de rosa”, pondera Dona Cecília. “Sempre tem algum bate-boca, porque a gente discorda em algumas coisas. E vai ter atrito mesmo, a vida hoje é outra, são hábitos e ensinamentos diferentes daqueles que eu tive”, diz a síndica. Ceder a pressões, todavia, não significa necessariamente algo negativo no campo da intergeracionalidade; assumir a divergência de opiniões é admitir que há esforço nesta busca de relações estáveis e de ajuda mútua.

DESAFIOS

Chegado o final de semana, Cecília Neger, os filhos, os netos e a mãe, de 87 anos, caem na estrada rumo a Itatiba, a menos de cem quilômetros da cidade de São Paulo. No sítio, em meio a uma tranquilidade inexistente na capital, a temperatura da casa acaba oscilando. Com quatro gerações sob o mesmo teto, pequenas fagulhas são capazes de provocar grandes explosões. “Eles estão em um momento de aproveitar o dia, de relaxar, porque no restante do tempo há horários para tudo. Eu não vivo naquela pressa em dias normais, então sei que não posso ficar nervosa”, admite a síndica, que conta com a ajuda do marido, de 68 anos, para acalmar os ânimos e entender que os hábitos dela são diferentes do restante da família. “É preciso se controlar muito pra não dar problema”, diz ela, com um sorriso de fora a fora.

“Se assumo que o ângulo de visão que eu tenho é uma verdade, eu deixo de respeitar as verdades do outro”, resalta Isabella Alvim. “Em casa, não dá pra chegar e dizer: ‘Estou de saco cheio e vou embora’. Pode até dar vontade, mas o núcleo familiar não é facilmente separado”, explica José Carlos Ferrigno, especialista no assunto. “Os conflitos geralmente acontecem entre pessoas da mesma família, por conta da relação afetiva, que vive entre tapas e beijos”, ele completa.

Na rua, o quadro é outro. A cena

Fotos: Flávia Valsani



Vera Brandão, pesquisadora do núcleo de estudos do envelhecimento da PUC - SP, e sua mãe

seguinte é corriqueira, sobretudo nas grandes cidades: dentro de ônibus e trens superlotados, em horários de pico, não raro jovens e adultos aparentemente saudáveis fingem não perceber a presença de idosos ou crianças e continuam ocupando assentos destinados a cidadãos em situações mais frágeis. Por impulso, a primeira reação é condenar com fúria tal atitude. Ferrigno, porém, faz um alerta: “A gente parte do princípio de que o idoso é fragilizado. Ficamos incomodados com a falta de solidariedade, mas não percebemos que às vezes aquele jovem passou o dia trabalhando e estudando e, ao menos naquele momento, está muito mais debilitado do que um indivíduo bem mais velho”.

Na opinião de Vera Brandão, membro-fundadora do Observatório da Longevidade Humana e Envelhecimento (Olhe), o excesso

de cuidado e preocupação com indivíduos de idade avançada pode se tornar um fator preocupante. “Isso não pode impedir que um idoso leve uma vida independente. Minha mãe tem 90 anos, e é claro que tenho algum cuidado especial. Por outro lado, não posso ficar amolando para que não faça isso ou aquilo, porque ela tem a vida dela, gosta de viajar, sair”, afirma. Para ela, o pressuposto de que os mais velhos estão em situação desfavorecida acaba suprimindo uma vida que ainda pode ser amplamente aproveitada.

Vera, 63 anos, ressalta que apesar de o ritmo diminuir, é possível manter na velhice praticamente as mesmas atividades de uma pessoa com “idade produtiva” – em outras palavras, jovens e adultos que estudam e têm um cronograma diário bem delineado. “Hoje eu me canso mais do que a 20 anos atrás, é claro, mas continuo



O excesso de cuidado e preocupação com indivíduos de idade avançada pode se tornar um fator preocupante se impedir que o idoso leve uma vida independente





Dona Guimar Sant'anna com o neto Yagor em praça no Aterro do Flamengo, no Rio de Janeiro

fazendo tudo o que sempre fiz”, explica a especialista, que também acumula a função de editora no Portal do Envelhecimento, um site dedicado a debater a velhice.

De que maneira, então, a convivência familiar e o convívio em sociedade – em espaços públicos – são avaliados no âmbito das ações intergeracionais? Para Mariano Sánchez Martínez, não deve haver qualquer separação. “É um obstáculo a que devemos prestar atenção, porque isso precisa estar ligado”, diz. Ele explica também que os ambientes comunitários estão mudando com o tempo; a intenção inicial, de jovens e velhos ocupando os mesmos lugares, se transformou no que a psicóloga Isabella Alvim chama de “terceiro ponto”, em que o fazer algo juntos se torna o objetivo maior nas relações a céu aberto. Martínez faz um

contraponto: “O crescimento do capitalismo e a mercantilização do estilo de vida é um grande desafio. Há muita atenção voltada à produtividade, e não tanta às conexões humanas”.

NOVOS PARADIGMAS

Em certa medida, a desumanização da qual fala o estudioso espanhol causou também o afastamento do idoso da sociedade e, consequentemente, isolou a categoria em um “não-lugar”, como define Isabella Alvim. “Com os estereótipos e as representações negativas, o velho perdeu o posto de detentor do conhecimento para o jovem”, diz ela. Este panorama, no entanto, por mais verdadeiro que seja, está se transformando pouco a pouco. Ela completa: “Apesar de às vezes não ter conhecimento do mundo tecnológico, moderno, na velhice é

possível enxergar o mundo com serenidade, sem idealizações”.

Aos poucos, o idoso começa a se apropriar de uma condição própria, com estatutos específicos e iniciativas de convivência organizadas por instituições de diferentes naturezas, seja nas ações realizadas pelo Sesc, para citar uma delas, ou em espaços mantidos pelo poder público.

Na Universidade de São Paulo (USP), o programa Universidade Aberta à Terceira Idade oferece oportunidades a cidadãos com mais de 60 anos que queiram participar de aulas da instituição. O objetivo do programa é “possibilitar ao idoso aprofundar conhecimentos em alguma área de seu interesse, e ao mesmo tempo trocar informações e experiências com os jovens”, segundo a entidade. Além disso, é permitido ao idoso participar



de atividades complementares, tais como palestras e excursões, por exemplo. Estendido a outras unidades da universidade (em Bauru, São Carlos, Ribeirão Preto e demais), o programa abre inscrições duas vezes ao ano para cursos cujo número máximo de vagas não tenha sido atingido.

“O velho, hoje, está sendo mais ajudado. Existem empresas, muitas no campo da engenharia, contratando funcionários mais idosos, que têm uma experiência fundamental a essas organizações”, pondera Isabella Alvim. A inserção, contudo, também deve surgir de dentro para fora, defende a especialista. “Cada um envelhece de uma forma, depende das relações criadas, tudo acaba sendo consequência do que aconteceu ao longo da sua vida”, ela diz.

A visibilidade sobre o tema é crescente e já faz parte da agenda política. “Apesar de não ser um campo

tão sólido, ele existe, e tem sido estudado, pesquisado; há expertise para desenvolver isso ainda mais. Hoje em dia, diversas organizações vêm fazendo o possível para estabelecer contato e trocar ideias com outros países, ter ligação”, explica Mariano Sánchez Martínez.

Os rumos ainda são muito incertos, mas, se depender de estudiosos como a pedagoga Vera Brandão, as previsões são as melhores. “Antes de qualquer coisa, temos esperança de propiciar uma vida melhor, porque assim vamos envelhecer bem e as famílias conseguirão compreender essas relações. As pessoas até comentam que não vamos ver isso totalmente construído, mas apesar de não usufruir, deixamos a semente”, diz. Para Mariano Sanches, a dedicação tem um propósito claro: “O mais importante é perceber a chance de lutar contra a discriminação por meio de ações e projetos do gênero. Há visibilidade e recursos para isso”.



“O velho hoje está sendo mais ajudado. Existem empresas contratando funcionários mais idosos, que têm uma experiência fundamental a essas organizações”, pondera Isabella Alvim.





As tecnologias não são mais uso exclusivo dos mais jovens. Integradas ao mundo cibernético, pessoas de idade mais avançada hoje são parte desta nova realidade e a vivenciam diariamente.



A INTERNET TAMBÉM É PALCO DE RELAÇÕES INTERGERACIONAIS

Não se restringe mais às ruas ou às famílias o convívio entre gerações distintas. Com o aparecimento das relações intermediadas pelo espaço virtual, e sobretudo com o aumento exponencial de cidadãos que têm acesso a ferramentas variadas na Internet, jovens e idosos começam a experimentar aos poucos outras formas de interação.

Diferentemente do que o senso comum costuma imaginar, as tecnologias não são mais uso exclusivo dos mais jovens. Integradas ao mundo cibernético por meio de cursos de aprendizado, ou mesmo pelo conhecimento transmitido por quem tem mais afinidade com a era digital, pessoas de idade mais avançada hoje são parte desta nova realidade e a vivenciam diariamente – em grupos de e-mails, nas compras online, para fazer pesquisas e participando de debates das redes sociais.

É exatamente esse o caso de Rachel de Lima Freitas, de 70 anos. Aposentada por tempo de serviço, “optei por não continuar a trabalhar e ter tempo disponível para poder curtir meus netos e minha família”, diz, ela acessa a rede todos os dias, geralmente à tarde ou à noite.

Para Rachel, a diferença na forma como gerações distintas usam a Internet está na criação: “Os jovens expõem sua opinião abertamente e discutem sem receio o seu ponto de vista. Já os mais velhos, oriundos de uma geração com educação rígida, muitas vezes se limitam a mostrar seu pensamento e dosam suas críticas.”

Além disso, a psicóloga do Olhe (Observatório da Longevidade) Isabella Alvim cita outro fator que, embora também se adapte à realidade dos jovens, pode ser aplicado aos mais velhos. “No mundo virtual, o idoso fica protegido dos estereótipos. Ele pode não ter idade, credo, cor, e transita de uma forma que não conseguiria na

realidade, pois existe a experimentação de papéis”, explica. Por conta disso, um indivíduo que não quiser correr o risco de ser julgado pela idade pode expor suas opiniões – em chats e grupos de discussão, por exemplo – sem pré-julgamentos. “É preciso validar as experiências na Internet, porque elas propiciam aprendizados, emoções, sentimentos”, completa a especialista.

Vera Brandão acredita no mundo virtual como um grande facilitador da mobilidade de indivíduos com idade avançada. Sobretudo em grandes cidades, onde transporte e serviços costumam ser caóticos e nem sempre tão eficientes, dispositivos online – compras, bancos, comunicação – são grandes aliados. Por e-mail, Rachel Freitas resume: “A Internet facilita a vida de cada um de nós. A notícia chega em tempo real, não importando a distância que estamos daquela pessoa tão querida. Vale a pena estar aqui e viver este momento”. ■

Gravetos

2012, óleo sobre tela
200 x 300 cm

Rodrigo Bivar

“A arte tem disso: a gente convive, dialoga, faz amizade com pessoas de dezoito a oitenta anos”, diz o pintor Rodrigo Bivar, 31 anos, que se acostumou desde cedo a conviver com diversas gerações de artistas dentro de casa. Um tio, Antonio Bivar, 73 anos, é um premiado dramaturgo. Outro, Leopoldo Lima, já falecido, foi um artista plástico bastante conhecido em Ribeirão Preto.







Encontro com a arte

texto: Álvaro Magalhães

Criado entre artistas, Rodrigo Bivar dialoga com diversas gerações de artistas plásticos e vê a arte como espaço de convívio e de diálogo.

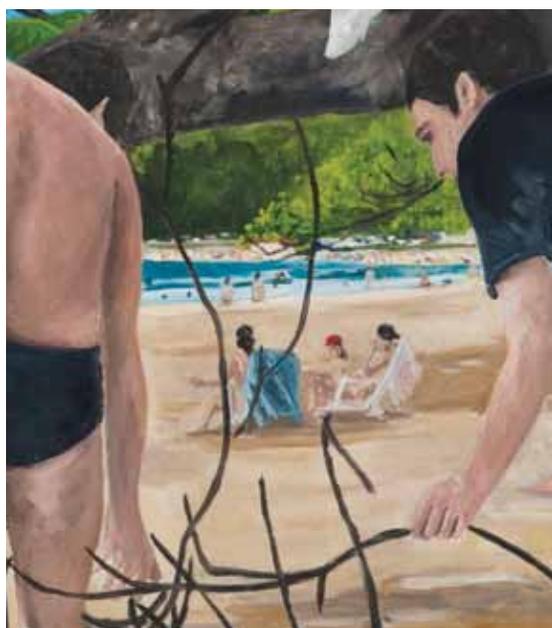
“A arte tem disso: a gente convive, dialoga, faz amizade com pessoas de dezoito a oitenta anos.” Rodrigo Bivar, 31, fala pausadamente. Sentado numa cadeira branca, em uma das três salas de seu ateliê – um apartamento de cômodos largos, tacos desgastados, num velho imóvel na Lapa –, ele procura as palavras, reflete. Ali, a 600 metros do frenético mercado do bairro, na zona oeste de São Paulo, ele costuma encontrar amigos, os mais velhos e os mais

novos, quando precisa de uma opinião. “É bom ouvir quem a gente confia, quem tem um olhar em que a gente confia.”

Nascido em Brasília, Bivar mudou-se para São Paulo aos dois anos e acostumou-se, ainda em sua família, a conviver com diversas gerações de artistas. Um de seus tios, Antonio Bivar, 73 anos, é um premiado dramaturgo. Outro, Leopoldo Lima, morto em 1997, artista de traços populares, é orgulho em Ribeirão Preto (SP), onde Bivar



Óleo sobre tela *Tudo é o que é e é assim que é* (2012)



Detalhe de *Gravetos* (2012)



}}
Bivar produz, em média, segundo suas contas, 20 obras por ano – nos últimos cinco, vendeu 60. Em seu ateliê, há um cômodo repleto de telas voltadas para a parede. “Deixo-as descansar.”
}}

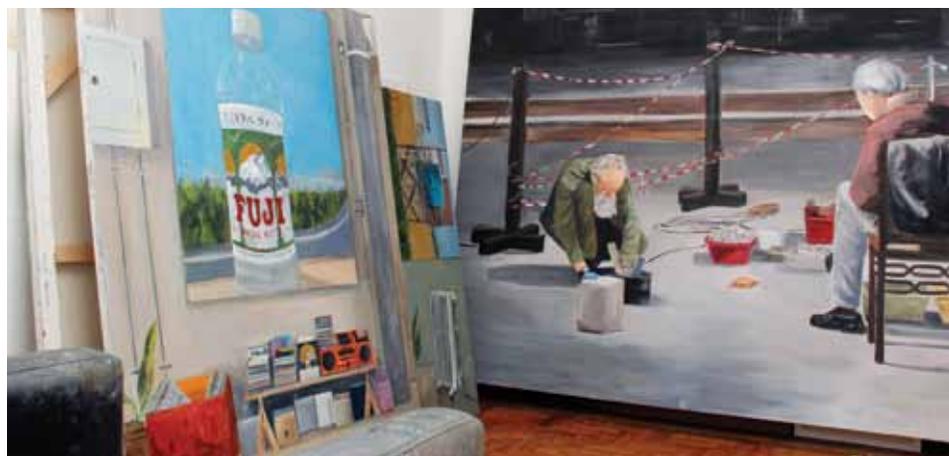
morou por quatro anos, já na adolescência. Gostava muito do ateliê do tio, uma casa de madeira, com pôsteres de mulheres nuas e do São Paulo Futebol Clube nas paredes. Ainda não pensava em formar-se em artes plásticas, mas se impressionava com os trabalhos feitos a pirógrafo por Lima. A escolha da carreira veio só mais tarde, após desistir do curso de engenharia ambiental, em Campinas, e prestar vestibular na Faap (Fundação Armando Álvares Penteado), onde se graduou.

Foi essa convivência com artistas de diversas idades que levou Bivar, ainda jovem, à Galeria Millan. Há sete anos, a Millan o representa. “Ele era auxiliar do Paulo Pasta quando o conheci”, lembra André Millan, 54, sócio-diretor da galeria. Pasta, 52, despontou em meados dos anos 1980, mais de duas décadas antes de Bivar realizar sua primeira exposição individual, em 2008, no CCSP (Centro Cultural São Paulo). “Creio que o trabalho dos dois se aproximam. Não propriamente na estética, mas no modo de produção, na filosofia: há um ritmo gradual, uma calma.”

Bivar produz, em média, segundo suas contas, 20 obras por ano – nos últimos cinco, vendeu 60, segundo Millan. Em seu ateliê, há um cômodo repleto de telas voltadas para a parede – só se vê as armações. “Deixá-las descansar, para retomá-las depois.” Chega a se esquecer de algumas. Surpreende-se ao revê-las. Mas prefere as que pinta rapidamente. Quando engrena, conclui uma “tela grande” – de quatro, cinco metros quadrados – em uma semana. “Pena não fluir assim sempre. Quando flui, a obra fica mais arejada. Tem algo que não está preenchido, que se completa no espectador.”

Bivar diz que, mais difícil que pintar, é resolver a composição. Cita Leonardo da Vinci: “Ele dizia que a pintura é algo

Fotos: Juliana Barretti



mental”. Ele conhece a filosofia dos velhos mestres das artes. Fala com naturalidade de Da Vinci, de Henri Matisse. Em sua mesa, há um exemplar de *Cartas a Théo*, de Vincent Van Gogh. Mas não rebusca – nem ao falar, nem ao pintar.

Na parede da primeira sala do ateliê, um quadro em que trabalha retrata um aquecedor a óleo, com suas ondulações. “Não preciso fazer uma ilustração do aquecedor. Eu quero mostrar, com o mínimo possível, o que me interessa nisso: se é a forma, a cor... São problemas que a gente mesmo se coloca.” Em seu laptop, na sala ao lado, a foto do mesmo aquecedor. Bivar bacia suas obras em fotografias que, em geral, ele mesmo tira. Cenas cotidianas. Às vezes compostas só de objetos, às vezes com crianças e adultos.

Há um esforço de memória para transformar as fotos em tela. “Um esforço para resgatar as sensações do momento da fotografia.” E Bivar tem paciência. Todas as tardes, depois

do almoço, ele vai ao ateliê. Mesmo quando é difícil pintar, fica lá. A janela aberta deixa entrar o sol. Seu carro, um gol azul-calcinha ainda do modelo quadrado, da década de 1990, estacionado em frente. “Tem valor sentimental.” Se não pinta, lê. Gosta de literatura russa, mas recentemente anda lendo o chileno Roberto Bolaño. Até cair a noite.

“Acho que, bem trabalhada, a obra encontra seu público, a obra encontra seu crítico.” Depois de quatro anos com mostras individuais no Brasil – além de expor na Millan e no CCSP, ele teve mostras na Galeria Mariana Moura (PE), Fundação de Arte de Ouro Preto (MG) e Paço das Artes (SP) –, suas telas chegaram à Europa. Integraram a exposição “7 SP – Seven Artists from São Paulo”, na Bélgica. A mostra reuniu trabalho de artistas como Paulo Klimchauska, 50 anos, expoente dos anos 1990, e novatos, como Rafael Carneiro, 28. Artistas de diferentes gerações. ■

NAS TELAS E NOS LIVROS, INTERGERACIONALIDADE TAMBÉM É PROTAGONISTA

Não é raro encontrar filmes e livros com personagens de várias idades estabelecendo relações entre si. Em comédias, dramas ou romances, gente de todas as idades é obrigada a conviver e enfrentar situações desafiadoras, cômicas ou conflituosas, em (mais) uma prova de que a intergeracionalidade é um fenômeno presente no cotidiano e que precisa ser reconhecido e compreendido.

Listamos alguns exemplos de filmes e livros que se relacionam com o tema, além de publicações que trazem estudos sobre a intergeracionalidade.

REVISTA

Revista A Terceira Idade

(Sesc, Vol.22 - nº 50 - Março de 2011)



A edição especial de *A Terceira Idade* reúne artigos baseados nas apresentações de conferencistas do Seminário Encontro de Gerações. Realizado em 2010, o evento contou com a participação de importantes especialistas e instituições atuantes no campo intergeracional.

Conteúdo disponível em:
sescsp.org.br/encontrodegeracoes

FILMES

Minhas Tardes com Margueritte

(Jean Becker, FRA, 2010)



Margueritte é uma senhora de noventa anos de idade que adora livros. Germain é um homem corpulento, meio desajeitado, e pouco afeiçoado ao hábito de ler. O encontro fortuito em uma praça se torna frequente, e os dois desenvolvem uma relação de aprendizado e identificação, ao passo que compartilham suas tensões familiares.

Up! Altas Aventuras

(Pete Docter, Bob Peterson, EUA, 2009)



A animação norte-americana conta a história de um menino escoteiro e um idoso que, após a morte da mulher, perde a paixão pela vida. Juntos, os dois vivem uma aventura no mundo selvagem em que tentam proteger a natureza.

Pequena Miss Sunshine

(Jonathan Dayton, Valerie Faris, EUA, 2006)



Depois que Olive, uma pequena garotinha, é classificada para um concurso de beleza em outra cidade, toda a família (alguns a contragosto) embarca em uma conturbada viagem. O filme tem um tom dramático, mas preserva ao mesmo tempo cenas tragicômicas que despertam risos no espectador.

Sonata de Outono

(Ingmar Bergman, SWE, 1978)



A história do reencontro de mãe e filha após um afastamento de anos, que acaba convergindo para uma dura batalha de verdades e ressentimentos.

LIVROS

Amor, de Novo

(Doris Lessing, Ed. Companhia das Letras, 2010)



O romance de Doris Lessing conta a história de uma diretora de teatro que, aos 65 anos, não quer mais se apaixonar. A desilusão dura até o momento em que ela se identifica com uma personagem de peça que está dirigindo e, a partir daí, redescobre sensações.

Terra Sonâmbula

(Mia Couto, Ed. Companhia das Letras, 2007)



Neste livro, o escritor angolano Mia Couto narra a relação criada entre um garoto, Muidinga, e um velho chamado Tuahir. Ambos carregam na pele o sofrimento da guerra civil que assola Moçambique.

Conflito e Cooperação entre Gerações

(José Carlos Ferrigno, Edições Sesc SP, 2013)



A proposta do livro é clara: diante dos (possíveis) conflitos entre pessoas de diferentes gerações, é preciso oferecer oportunidades para que elas se encontrem e se relacionem.



Encontro da OCA no dia da Consciência Negra

Prática diária

Instituições de todo o país promovem atividades que integram gerações e mostram que a convivência entre pessoas de todas as idades não pode ser restrita ao ambiente familiar

texto: Gabriel Vituri

Música, dança, cinema. Artes plásticas, artesanato. Capoeira, inclusão digital. Alfabetização, cultura. Além de educativas, todas essas práticas convergem também no sentido de promover a convivência entre diferentes gerações. Diversas entidades, públicas ou privadas, têm estimulado relações intergeracionais entre pessoas de todas as idades.

De olho nas mudanças no próprio perfil demográfico do país, que tem envelhecido nas últimas décadas, instituições públicas e privadas investem em programas que buscam promover relações entre os diversos segmentos da sociedade.

É precisamente esse o caso da OCA – Escola Cultural, que, desde 1996, promove diversas atividades sem separação por gênero ou idade. “Realizamos encontros frequentes com líderes da comunidade, na maioria dos casos da terceira idade, que vêm compartilhar saberes e demonstrar a importância de suas experiências”, explica Lucilene Silva, coordenadora da instituição. Na inclusão digital, por exemplo, são os cidadãos mais velhos que acabam aprendendo com crianças e adolescentes, habituados desde muito novos a usar computadores e outros aparatos tecnológicos.

Baseada em Carapicuíba, na região

metropolitana de São Paulo, a escola atende em torno de 180 alunos de forma direta – e quase mil indiretamente. A OCA também atua em creches, colégios da região e em parques e áreas públicas. Para Lucilene, as ações devem acontecer “na perspectiva da troca de saberes e da valorização do que os mais experientes têm para compartilhar”, além, é claro, de fortalecer as contribuições mútuas. “Para nós, não há esforço em reunir todas as gerações, porque faz parte da nossa prática desde o início e os participantes dos programas têm isso em mente. Não existe um exercício ou um foco de que é assim ou assado que



Curso de empreendedorismo social do Instituto Prosseguindo



deve ser, porque acaba acontecendo de forma espontânea”, acrescenta. Um dos programas desenvolvidos pela instituição, por exemplo, promove encontros de crianças e adolescentes com mulheres mais velhas – algumas delas mães e avós – para ensinar a fazer rendas de tecido.

Bem longe da instituição paulista, no distrito de São Sebastião das Águas Claras, em Minas Gerais, outra organização não governamental trabalha de maneira parecida, com o princípio das relações intergeracionais sempre em mente. O Instituto Kairós, criado em 2002, tem a missão de gerar e transferir tecnologias sociais orientadas ao



Com as mudanças no perfil demográfico do país, que tem envelhecido nas últimas décadas, instituições públicas e privadas investem em programas que buscam promover relações entre os diversos segmentos da sociedade.



desenvolvimento humano, atuando no território por meio do fortalecimento de políticas públicas, de redes sociais e educativas, da autonomia produtiva, do protagonismo cultural das comunidades e da valorização dos recursos naturais e da biodiversidade.

Na ONG mineira, os encontros entre diferentes gerações são mediados por educadores sociais, artistas populares e grãos aprendizes, que usam da oralidade e contribuem para aproximar as linguagens. No Kairós, as atividades musicais com crianças e jovens são desenvolvidas junto com lideranças locais, que contam casos, lendas e outras brincadeiras criadas

a partir da tradição oral. Nas rodas das idades, diferentes atividades acontecem: construção de brinquedos, histórias compartilhadas e até conversas sobre questões ligadas à sexualidade.

Dentre os projetos artísticos do Kairós, a música tem se destacado bastante nos últimos anos. Desde 2009, a organização desenvolve um trabalho sistematizado e aprofundado de formação musical, que resultou no Grupo Musical do Instituto Kairós - hoje convidado a participar de eventos culturais internos e externos à comunidade. O registro dessas histórias, acumuladas e registradas ao longo de anos, resultou no disco *Currupio*, em 2011, que rendeu apresentações não só no município de Nova Lima, onde é baseada a instituição, mas também em outras cidades.

Na OCA, conta Lucilene Silva, o convívio entre todas as gerações é “absolutamente natural”. A educadora, no entanto, ressalta que ainda há desafios a serem superados. “Quando levamos tais práticas para fora, em propostas com outros ambientes que não vivem isso, há uma resistência, e aí é necessário fazer trabalhos continuados para criar uma consciência de respeito”, diz. “Há escolas do entorno em que ninguém fala sobre essas experiências, onde não há essa tradição. Quando eles veem uma aluna nossa, adolescente, ministrando aulas e atividades com crianças menores, existe um estranhamento”. Na visão da educadora, esse “choque” acontece principalmente porque muitas instituições reproduzem em seus espaços apenas questões do senso comum, corriqueiras, deixando de lado as tradições e os ideais de respeito ao próximo.

CULTURA E EMPREENDEDORISMO

Embora as relações intergeracionais fora de casa sejam mais comuns em instituições voltadas para as áreas de educação e cultura, como é o caso da OCA e do Instituto Kairós, há também iniciativas que exploram outros nichos. Fundado em 2010, o Instituto Proseguindo (IPROS) tem como foco o empreendedorismo e promove atividades para jovens, adultos e idosos. “Promovemos cursos e oficinas de intervenção comunitária, em que diferentes gerações são convidadas a buscarem conhecimento sobre como trazer suas experiências de vida para encontrarem juntos uma proposta de trabalho ou intervenção na comunidade”, explica Cláudia Soares de Oliveira, idealizadora e supervisora do IPROS.

Mesmo sem ter ainda um processo de avaliação sistematizado, Cláudia conta que o instituto vem usando outros métodos para estar a



par de como seus alunos e ex-alunos estão atuando fora do curso. “Eles não passam pela gente e vão embora. Nós criamos uma rede com essas pessoas, que continuam sendo acompanhadas”, explica. Além disso, o IPROS tem uma página no Facebook, em que os participantes podem trocar suas experiências.

Para 2013, conta a especialista, que é graduada em matemática e pós-graduada em psicopedagogia pela PUC-SP, o Proseguindo prepara mais ações com ênfase na intergeracionalidade. “No IPROS partimos de uma visão relacional do mundo e entendemos que as gerações são interdependentes”, afirma Cláudia. Na visão da organização, o foco não é esta ou aquela geração, e sim o ideal de que é possível transformar vidas de forma empreendedora, “para que as pessoas sejam mais felizes realizando seus grandes sonhos”, nas palavras dela.

Foto: OCA/Divulgação



Ação da OCA, que promove encontros de integração e conscientização desde 1996

“Mas não adianta achar que não vai ter conflito, pensar que vai ser tudo lindo e maravilhoso. As brigas, a criança que não quer, o idoso que não entende, isso existe, e é a partir disso tudo que você vai criando as relações”, ela completa.

Em março de 1998, com a promulgação de uma lei na cidade de Santos, no litoral paulista, a Secretaria de Assistência Social do município criou o Vovô Sabe Tudo. A ideia original, conta Rosana Gomes, uma das representantes do programa, era de que os idosos pudessem ensinar ofícios e profissões aos mais jovens. “No entanto, decorridos poucos meses, percebemos que a riqueza estava na possibilidade de integrar as gerações, e o foco do trabalho passou a ser esse”, explica a psicóloga. Desde então, mais de cem ‘vovôs’ passaram pelo projeto e muitos deles continuam participando em diferentes áreas: educação, turismo, meio ambiente, saúde e até junto à companhia

de engenharia de tráfego local (CET).

Com apoio da Secretaria de Educação, para citar uma das frentes de atuação do Vovô Sabe Tudo, os idosos têm carga horária integrada ao ensino fundamental de algumas escolas, e atuam como orientadores de oficinas, contando histórias e ajudando a montar brinquedos. “No Meio Ambiente, temos uma vovó que ensina jardinagem e ministra cursos regulares no Jardim Botânico”, exemplifica Rosana Gomes. E o campo dos vovôs não se restringe aos assuntos mais batidos. Na CET, eles participam de programas que conversam com jovens e idosos sobre como se comportar e como ajudar a deixar o trânsito mais harmonioso. Há ainda aqueles que são monitores nos principais pontos turísticos de Santos, em igrejas e santuários, no Aquário Municipal, no orquidário da cidade e mesmo durante rotas do bonde que

circula pelas grandes atrações da Baixada Santista.

Rosana Gomes, psicóloga e responsável pelo Vovô Sabe Tudo desde a sua implantação, resume: “O que realmente importa é que a relação intergeracional se estabeleça de forma continuada, dando ao idoso oportunidade de transmitir seus conhecimentos e sua experiência de vida a outras gerações”.

A opinião é semelhante a de Cláudia Soares, do Proseguindo: “É importante deixar claro que o objetivo das atividades propostas não é tanto conseguir um resultado final, mas sim aproveitar ao máximo as possibilidades para que os participantes se relacionem, entrem em contato”. Em suma, a interação é mais importante que o produto. “O empreendedorismo deve florescer em diferentes gerações. Essa é a nossa razão de existir”, conclui. ■

Foto: Wanessa Rodrigues



Atividade do Vovô Sabe Tudo, em Santos

entrevista

MARIANO SÁNCHEZ MARTINEZ: PROFESSOR AFILIADO AO DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE GRANADA, NA ESPANHA, E INTEGRANTE DE GRUPOS DE ESTUDOS SOBRE INTERGERACIONALIDADE.

texto: Gabriel Vituri

Foto: Jaime Martín



“As pessoas sentem falta de relações em que possam se sentir conectadas, expandidas”

A convivência entre diferentes gerações sempre existiu. A evolução, defende o estudioso espanhol Mariano Sánchez Martínez, é que hoje em dia temos ferramentas para entender o que isso significa. Especializado em relações intergeracionais, o professor europeu explica: “Em quatro décadas de discussão sobre o tema, foi possível acumular bastante conhecimento, com pesquisas e iniciativas práticas que contribuem para a integração”.

Intergeracionalidade, o termo usado para definir o convívio entre pessoas de idades e tempos distintos, não se explica com exatidão. É, acima de tudo, uma experiência coletiva de auto-conhecimento e que promove benefícios mútuos. Professor afiliado ao departamento de sociologia da Universidade de Granada, na Espanha, e integrante de grupos de estudos sobre o assunto, Mariano Sánchez se diz otimista.

Sesc São Paulo: É possível definir o que significa o termo intergeracionalidade?

Mariano Sánchez Martínez: Quando você morde uma maçã, o que aquele gosto significa? Estamos falando de algo que é pessoal, que não conseguimos descrever. Poderia ser definido como qualquer relação em que diferentes gerações estão envolvidas, mas isso é muito pequeno se comparado à experiência em si. Outra dificuldade enfrentada nessa busca pela definição é que muitos conceitos são oferecidos, e a maior parte deles é focado na troca, interação, ajuda mútua, comunicação, diálogo, aprendizado. Tudo isso são tipos de relações. Ainda que eu não consiga te dar uma definição exata, o ponto-chave, para mim, não deve tratar apenas do contato, e sim de estabelecer ações com as quais as pessoas estejam envolvidas para compreender a si mesmas, sentir que estão conectadas ao mundo e que podem aprender. Ter essa identidade não é individual, é sempre coletivo.

Quando a preocupação com essas relações se tornou mais presente?

Todos nascemos, é claro, por conta de uma geração anterior. Desde o início, um adulto cuidou do recém-nascido, e aí já existe a relação entre gerações. É até paradoxal, porque apesar de ser algo natural, muitas vezes não enxergamos, não percebemos, essa convivência intergeracional. Não sei precisar quando começamos a nos preocupar mais, talvez na década de 1960, sobretudo na América do Norte, as pessoas começaram a se organizar e aproveitar esse processo de convivência. Foi o tempo em que identificamos este campo, mas as relações sempre estiveram aí. É verdade que se vivemos mais, como hoje, existe a probabilidade de cada indivíduo interagir com três ou quatro gerações ao mesmo tempo. Pela primeira vez na história humana isso está acontecendo, e é um fator importante para entender porque apenas recentemente temos consciência do assunto.



Como se deu a transformação da prática com o passar dos anos?

Inicialmente, as pessoas que faziam os projetos queriam oportunidades para as gerações estarem no mesmo espaço, era apenas isso. Depois, o próximo passo era o “fazer” qualquer coisa juntos, e não apenas conviver; tornou-se necessário aproveitar, conhecer, ir mais a fundo no encontro. As gerações que participaram desse processo, então, começaram a se perguntar o que fazer para beneficiar as duas partes, e houve um passo importante no sentido de desenvolver isso comunitariamente. Ou seja, pensar o espaço público. Quais são os lugares mais apropriados para as atividades em conjunto? Atualmente, muitos países já agem assim. Um

exemplo são as casas de repouso para terceira idade, que muitas vezes têm sido colocadas próximas a escolas, creches, tudo na intenção de dividir o espaço de forma harmônica.

O modo de vida hoje, individualista, como o sociólogo Zygmunt Bauman prega, acaba dificultando a interação...

Acho que isso é um bom exemplo para descrever metade do problema. Pela minha experiência, após 15 anos nesse campo, posso dizer que muitas pessoas sentem falta de relações em que possam se sentir conectadas, expandidas. Não estou dizendo que Bauman está errado. Por outro lado, há essa fome pelo contato próximo, o encontro. A ideia individualista também serve de alerta: “Olha, preciso

“ Minha perspectiva é otimista, acho que as pessoas ainda têm muita sensibilidade no [contato] face a face. ”

mudar a forma como estou vivendo”. Queira ou não, o fato é que relações são necessárias. Em 2006, fizemos um estudo a fim de mapear como estava a questão intergeracional na Espanha e descobrimos um terreno sólido para iniciativas do gênero. Minha perspectiva é otimista, acho que as pessoas ainda têm muita sensibilidade no face a face.

Qual papel o Estado pode exercer para facilitar a intergeracionalidade?

Para ser honesto, acho que estamos falando de algo que deveria ser administrado primordialmente pelos cidadãos, e não pelo governo. Na Europa, anos atrás, perguntamos para as pessoas sobre o que o governo deveria fazer. Nas respostas, percebemos que ele não é responsável por promover relações entre pessoas. O Estado pode dar recursos, organizar iniciativas em espaços públicos, cuidar da legislação, tudo para orientar o comportamento. Mas é principalmente um comprometimento civil, não é questão política, é da própria sociedade.

Existem diferenças muito gritantes entre a Europa e países de envelhecimento recente, como o Brasil?

Primeiro, devo dizer que estive no Brasil poucas vezes, e portanto, meu conhecimento sobre o tema por aí ainda é limitado. A questão é que na Europa isso realmente existe faz mais tempo, embora haja conexões e similaridades com a América Latina. Acho também que diz respeito à diversidade... sinto que os brasileiros são mais familiarizados com as diferenças, facilitando esse processo de abertura entre gerações diferentes. Quando falamos de trabalhos interculturais e intergeracionais, as duas expressões se encontram no princípio do “inter”, da troca. Se existem iniciativas para o intercâmbio cultural, é bem possível atingir a excelência no intercâmbio geracional. É sempre complicado implementar ideias novas,

“ Estamos cometendo um grande erro em separar as relações intergeracionais entre o espaço familiar e o espaço comunitário. ”

mas acho que no Brasil vocês estão em boas condições de inovar.

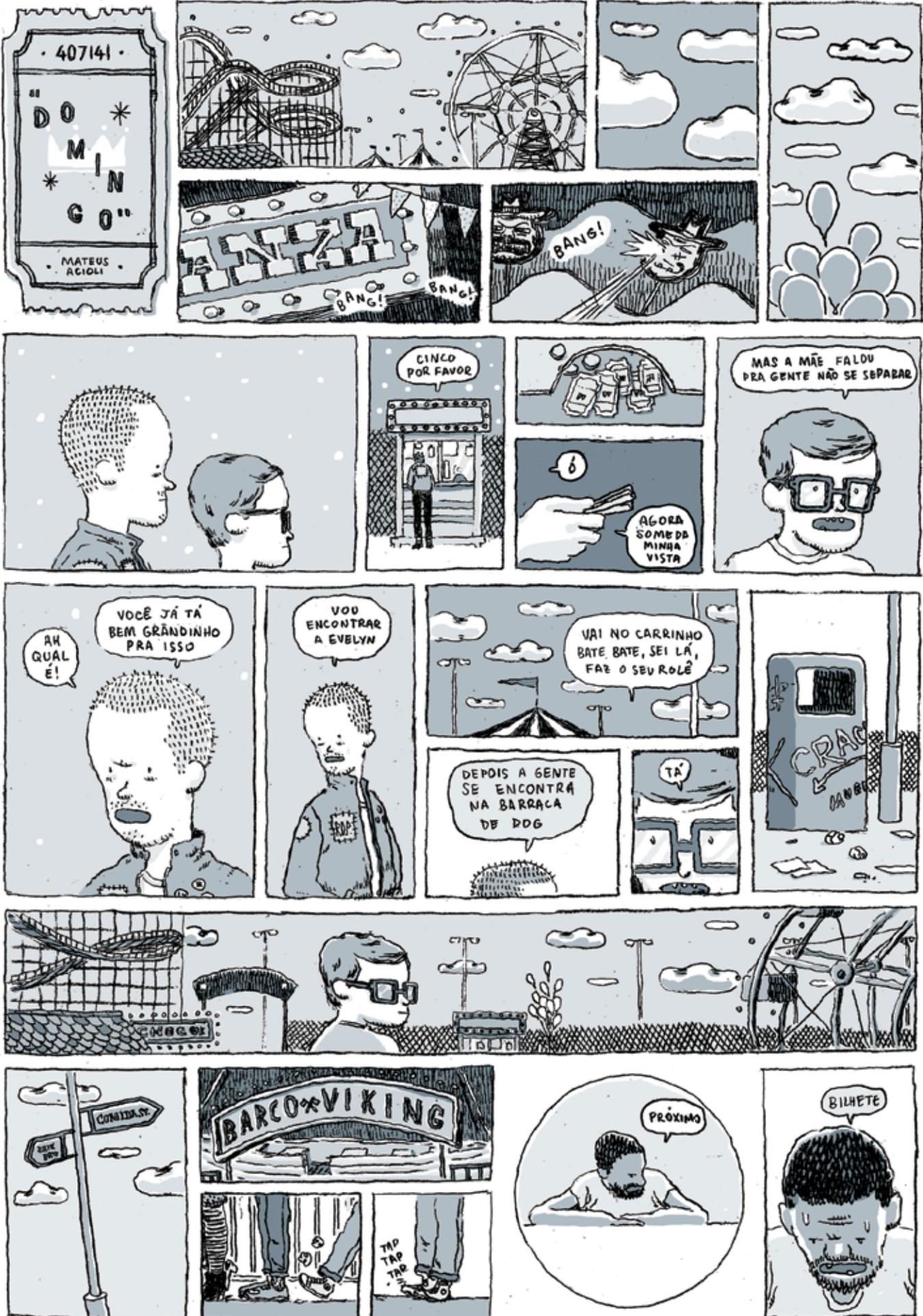
Onde estão os maiores conflitos nesse processo?

Em primeiro lugar, estamos cometendo um grande erro em separar as relações intergeracionais entre o espaço familiar e o espaço comunitário. É um obstáculo a que devemos prestar atenção, porque isso precisa estar ligado. Outro problema: o crescimento do capitalismo e a mercantilização do estilo de vida é um grande desafio. Há muita atenção voltada à produtividade, e não tanta às conexões humanas. Sobre tudo na Europa, o discurso de que é preciso produzir e fazer contribuições positivas em tempos de crise vai contra a ideia de conectar as pessoas e dar tempo aos relacionamentos. Por fim, é cada vez mais comum perceber que os cidadãos estão mais velhos, mas esquecemos das novas gerações, que precisam estar aptas a viver em uma sociedade de jovens e idosos. Ambos precisam de preparação.

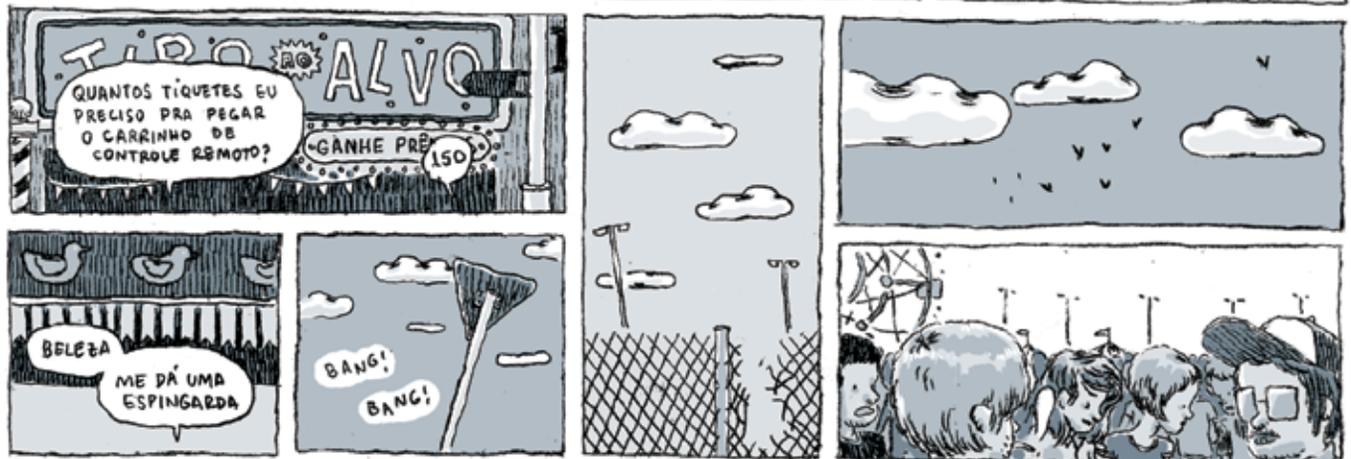
Quais são as maiores conquistas atingidas até o momento?

Acima de tudo, os assuntos relacionados às relações entre diferentes gerações ganhou visibilidade. Está, inclusive, na agenda política, possibilitando que todos ouçam mais e mais sobre o tema. Além disso, em quatro décadas de discussão sobre o tema, foi possível acumular bastante conhecimento, com pesquisas e iniciativas práticas que contribuem para a evolução da integração. Apesar de não ser um campo tão sólido, ele existe, e tem sido estudado, pesquisado, há expertise para desenvolver isso ainda mais. Hoje em dia, diversas organizações vêm fazendo o possível para estabelecer contato e trocar ideias com outros países, ter ligação. Finalmente, o mais importante é perceber a chance de lutar contra a discriminação por meio de ações e projetos do gênero. Há visibilidade e recursos para isso. ■

quadro a quadro



HQ: Mateus Aciole



quadro a quadro



HQ: Mateus Acoi

As relações entre gerações como experiências da diferença.

A proposta do livro é clara: diante dos (possíveis) conflitos entre pessoas de diferentes gerações, é preciso oferecer oportunidades para que elas se encontrem e se relacionem.



**CONFLITO E COOPERAÇÃO
ENTRE GERAÇÕES** (Edições Sesc SP)

José Carlos Ferrigno
Coleção ACADÊMICA
Disponível nas unidades do Sesc e
em sescsp.org.br/livraria

**BENEFÍCIOS DO ESPORTE
PARA O CIDADÃO E PARA O PAÍS**

Move Brasil é um movimento que nasceu para reforçar aos brasileiros a importância da prática de esporte e atividades físicas em todas as idades. A proposta é que as pessoas percebam que o esporte, além de melhorar a qualidade de vida, promove o desenvolvimento social.



Sesc



Participação
Cidadania

APO
Autoridade Pública Olímpica

ISCA



Ministério da
Saúde

Ministério do
Esporte

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PAÍS RICO E PAÍS SEM POBREZA

movebrasil.org.br

ISSN 2177369-6



9 772177 369006